

9.ª EDIÇÃO

ONJALI Q. RAUF

O  
Rapaz  
ao  
Fundo  
da  
Sala

GRANDE VENCEDOR

Prémio  
Blue Peter

Prémio  
Waterstones

LER+

PLANO NACIONAL  
DE LEITURA 2022

BOOK  
SMILE

*Dedicado ao Raehan, o Bebê de Calais.  
E aos milhões de crianças refugiadas em todo o mundo  
que precisam de um lar seguro e acolhedor.*

*E à minha mãe e ao Zak. Sempre.*

## ÍNDICE

1. A Cadeira Vazia	9
2. O Rapaz com Olhos de Leão	20
3. Quarenta Piscadelas de Olho	28
4. O Que o Sr. Brown e a Sra. Grimsby Disseram	34
5. A Criança Refugiada	40
6. A Senhora do Lenço Prateado	53
7. O Nariz do Sr. Irons	64
8. A Aventura Inesperada	72
9. A Grande Luta	88
10. A Guerra e as Peças em Falta	96
11. O Jogo de <i>Scrabble</i>	114
12. A Syrah e o Mar	125
13. Aquilo Que Mudou Tudo	132
14. Os Três Planos	143
15. A Melhor Ideia do Mundo	151
16. A Carta Real	157
17. O Plano de Emergência	166
18. Stan, o Homem do Táxi	175
19. O Palácio da Rainha	185

<b>20.</b> Os Guardas de Coldstream	196
<b>21.</b> Os Vizinhos e as Notícias	205
<b>22.</b> Sussurros à Escala Mundial	217
<b>23.</b> O Brendan Maldoso e as Notícias de Última Hora	235
<b>24.</b> A Entrevista	242
<b>25.</b> A Mensagem da Rainha	256
<b>26.</b> O Presente	261
Nota da autora	273
Agradecimentos	283



## A CADEIRA VAZIA

Costumava haver uma cadeira vazia ao fundo da sala de aula. Não era uma cadeira especial: estava vazia apenas porque ninguém se sentava nela. Mas, um dia, só três semanas depois do início das aulas, aconteceu-me, a mim e aos meus três melhores amigos, a coisa mais extraordinária que alguma vez podia acontecer a alguém. E tudo começou com aquela cadeira.

Normalmente, a melhor parte de começar um novo ano letivo é recebermos uma mesada maior para comprarmos material escolar. Todos os anos, no último domingo das férias de verão, parto com a Mãe numa Aventura Muito Especial em busca do meu conjunto de material escolar para o próximo ano letivo. Às vezes, o entusiasmo é tanto, que sinto os pés ficarem irrequietos por dentro e não sei em que loja quero entrar primeiro. Não existem muitas lojas boas de material escolar na zona onde vivo: não têm senão uns enfadonhos conjuntos de dinossauros para rapazes e conjuntos de princesas para raparigas. Por isso, a Mãe leva-me à cidade de autocarro

e de comboio, onde há ruas inteiras de lojas, e até enormes armazéns que, vistos de fora, parecem enormes prédios de apartamentos.

No ano passado, encontrei um conjunto com motivos espaciais e imagens de um astronauta a flutuar diante da Lua. Estava em promoção, por isso comprei um estojo, um conjunto de matemática, borrachas e uma régua grande, e ainda me sobrou quase uma libra! A régua é um dos meus acessórios de material escolar preferidos, porque tem o astronauta a flutuar de um lado ao outro dentro de água, com estrelas prateadas à mistura. Brinquei tanto com ela, que o astronauta ficou preso num dos lados e deixou de se mover até ao outro lado. Mas a culpa não foi minha. O Prof. Thompson, o nosso professor do ano passado, tinha uma voz tão monótona, que as minhas mãos precisavam de algo com que se entreter. É por isso que é tão importante ter material escolar divertido nas aulas: nunca sabemos quando é preciso impedir o cérebro de adormecer ou de fazer alguma coisa que nos leve a ficar de castigo.

Este ano, comprei um conjunto do Tintim e do Milu. Adoro o Tintim. Apesar de ser apenas uma personagem de um livro de banda desenhada, quero ser como ele quando for grande. Parece-me que ser jornalista e poder partir à aventura e resolver mistérios deve ser o melhor trabalho do mundo. Os meus pais costumavam comprar-me um novo livro do Tintim pelos anos, e a Mãe guarda-me os livros da biblioteca que, por estarem demasiado velhos ou

rasgados, estão prestes a ir para o lixo, por isso já tenho a coleção completa. Li-os todos pelo menos cinquenta vezes. Mas teria de pensar noutra animal com que fazer viagens, porque tenho alergia a cães. Não me parece que um gato ou um hamster, ou até um rato domesticado, pudesse ser nem de perto tão prestável como o Milu, o cão do Tintim. E, apesar de estar a matutar nisso há pelo menos um ano, ainda não consegui encontrar uma solução.

Como o conjunto de material do Tintim era muito mais caro do que o do astronauta e não estava em promoção, só pude comprar um estojo, uma régua pequena e duas borrachas. Refleti sobre isso durante um bom bocado e, no final, resolvi que gastar todo o meu dinheiro de uma vez era algo que valia a pena. Não só porque todos os acessórios tinham a imagem do Tintim, mas também porque o estojo tinha um botão que fazia com que se ouvisse o ladrar do Milu e a voz do Capitão Haddock a gritar «Com mil macacos!». Já me chamaram a atenção este ano por carregar no botão a meio de uma aula de Matemática, mas, sinceramente, se não pudermos carregar num botão para ouvir um cão ladrar nas aulas de Matemática, não vejo qual é o objetivo de o ter.

Não gosto de Matemática. Quando é simples, tudo bem, mas este ano estamos a aprender divisões longas, números quadrados e várias coisas que o meu cérebro não gosta de fazer. Às vezes peço ajuda, mas é embaraçoso pôr o dedo no ar demasiadas vezes para fazer a mesma pergunta. Tenho sorte, porque o Tom, a Josie e o Michael me

ajudam sempre com as coisas em que eu bloqueio. São os meus melhores amigos e fazemos tudo juntos.

O Tom tem cabelo curto e espetado, um sorriso de esguelha e uma grande maçã de Adão que mais parece uma bola de pingue-pongue que lhe ficou presa na garganta. É o mais baixo do nosso grupo, mas também o mais engraçado. Só veio para a nossa turma no ano passado, quando os pais deixaram a América e vieram viver para cá, mas ficámos logo amigos. Tem três irmãos mais velhos que andam sempre atrás dele a chateá-lo, mas só por brincadeira. Eu acho que também lhe roubam comida e é por isso que ele é tão magro e anda sempre esfomeado. Uma vez, vi-o comer uma pizza inteira com ingredientes extra e um hambúrguer de queijo duplo ao almoço sem ficar cheio! Por isso, sempre que posso, escondo dele os meus lanchinhos e os meus chocolates.

A Josie tem olhos grandes e castanhos e pelo menos um milhão de sardas na cara. É alta e desengonçada e está sempre a mascar o próprio cabelo. É a rapariga mais rápida do nosso ano e consegue chutar uma bola de futebol do outro lado do campo até à baliza, fazendo-a passar por qualquer guarda-redes. É a pessoa mais porreira que conheço, e conheço-a desde que temos 3 anos. As nossas mães dizem que a nossa amizade dura desde o primeiro dia da creche, por isso decidiram ser amigas também. Não me lembro bem de mim naquela idade, mas posso dizer que a Josie está presente em todas as minhas recordações da escola. Até ficámos de castigo ao mesmo tempo

pela primeira vez no ano passado, e tudo por causa de um hamster chamado Herbert.

A Josie tinha ouvido um dos bullies do secundário dizer que ia deitar o hamster da nossa sala, o Herbert, pela sanita abaixo à hora de ir para casa. Quando mo contou, decidimos iniciar uma Missão de Salvamento do Hamster. Escondemos o Herbert na minha mochila antes de as aulas acabarem e levámo-lo diretamente para minha casa. Mas, claro, a Mãe descobriu e fez-me levá-lo de volta no dia seguinte. Tentei explicar o que tinha acontecido ao chato do Prof. Thompson, mas ele não quis ouvir e pôs-me de castigo. E, apesar de não ter de o fazer, a Josie levantou-se e disse que também tinha ajudado a roubar o Herbert, só para ficar de castigo comigo. Sabemos que um amigo é mesmo amigo quando está disposto a ficar de castigo connosco.

O Michael tem a afro mais fofo e limpa de todos os rapazes do nosso ano. A maior parte das pessoas acha-o estranho. Nós não. Tem os óculos sempre partidos e nunca anda com os atacadores bem apertados, por isso, quando caminha, está sempre a tropeçar e a ir contra as coisas. Mas estamos todos tão habituados a isso, que já nem reparamos. Costuma estar calado, mas, quando fala, é frequente os adultos ficarem a olhar impressionados e comentarem que o que ele disse é muito «eloquente» ou «perspicaz» ou qualquer coisa do género. Não sei bem o que isso significa, mas julgo que o que querem dizer é que ele é esperto. Os adultos adoram usar palavras complicadas para falar de coisas simples.

O Michael é muito gozado, porque não consegue correr depressa nem chutar uma bola a direito, mas ele não se importa. Eu também não me importaria, se tivesse o dinheiro que ele tem. O pai é professor na universidade e a mãe é advogada e, como estão sempre ocupados, compram-lhe sempre os aparelhos de última geração, os últimos livros e os jogos mais espetaculares. Vimos o quarto dele pela primeira vez quando, no ano passado, deu uma festa de anos em casa. Parecia o interior de uma loja de brinquedos. Quer-me parecer que deve ser mais fácil ser indiferente à opinião dos outros quando se tem aquela quantidade de brinquedos.

A Josie e o Michael estão sempre a competir um com o outro para ver qual deles consegue ter o maior número de estrelas douradas e Muito Bons da turma. O Michael é o melhor em História e a Josie é a melhor em Matemática. Mas eu sou melhor em leitura e escrita do que qualquer um deles e, em especial, melhor do que a Josie. Ela odeia ler e nunca, mas nunca, lê alguma coisa fora das aulas. Diz que não tem imaginação e que, por isso, é inútil ler livros. Acho isso estranho. Como pode alguém não ter imaginação? A mim parece-me que deve ter tido imaginação quando era mais nova, mas ficou sem ela quando se espalhou numa queda de bicicleta no verão passado. A Mãe diz que as pessoas sem imaginação estão mortas por dentro. Não me parece que a Josie esteja morta em parte nenhuma, porque fala pelos cotovelos.

Ter três melhores amigos pode fazer com que a escola seja o melhor sítio para se estar, até nos dias mais chatos. No entanto, este ano, a escola tornou-se muito mais divertida, e tudo por causa da nossa nova professora, a Prof.<sup>a</sup> Khan.

A Prof.<sup>a</sup> Khan tem cabelo muito forte e cheira sempre a doce de morango, o que é muito melhor do que cheirar a peúgas velhas, como era o caso do Prof. Thompson. É nova na escola e muitíssimo inteligente — muito mais inteligente do que o Prof. Thompson alguma vez foi. E, quando todos nos portamos bem, dá-nos prémios à sexta-feira. Em todo o nosso ano, não há outro professor que faça isso.

A Prof.<sup>a</sup> Khan deixa-nos fazer várias coisas que nunca tínhamos feito. Na primeira semana de aulas, ajudou-nos a fazer instrumentos musicais a partir de coisas que encontrámos no cesto de reciclagem da escola e, na segunda semana, trouxe-nos um livro de banda desenhada novinho em folha que ainda nem existia na biblioteca da escola.

Depois, na terceira semana, aconteceu algo tão surpreendente e que deixou toda a gente tão curiosa, que nem a Prof.<sup>a</sup> Khan conseguiu que estivéssemos completamente atentos nas aulas. E tudo começou com a cadeira vazia.



Foi na terceira terça-feira a seguir ao início das aulas. A Prof.<sup>a</sup> Khan estava a marcar presenças. Estava quase a chamar o meu nome, quando ouvimos bater à porta com força. Normalmente, quando batem à porta, é apenas alguém de outra turma a dar um recado, por isso ninguém presta grande atenção, mas, desta vez, era a Diretora Sanders. A Diretora Sanders anda sempre com o mesmo penteado e tem o hábito de espreitar por cima dos óculos quando fala com alguém. Toda a gente tem medo dela, porque, quando põe alguém de castigo, não se limita a mandar essa pessoa para uma sala: obriga-a a memorizar palavras compridas do dicionário e não a deixa sair enquanto não souber de cor não só o significado como também a ortografia das palavras. Já ouvi falar de alunos de anos abaixo do meu que ficaram horas no castigo porque tiveram de aprender palavras tão longas como esta página!

Por isso, quando vimos que quem estava à porta era a Diretora Sanders, ficámos todos em silêncio. Aproximou-se da Prof.<sup>a</sup> Khan com um ar muito sério, tanto que ficámos todos a pensar quem é que se teria metido em sarilhos. Depois de segredar e acenar com a cabeça por alguns instantes, voltou-se de repente e, olhando com atenção para nós por cima dos óculos, apontou para a cadeira vazia ao fundo da sala.

Todos nos voltámos para trás para ver a cadeira vazia. A cadeira era assim:



Como disse, era uma cadeira bastante vulgar, e estava vazia porque uma rapariga chamada Dena tinha saído da turma no final do ano passado, quando foi viver para o País de Gales. Ninguém tinha grandes saudades dela, tirando a Clarissa, que era a sua melhor amiga. A Dena tinha sido um pouco gabarolas e estava sempre a falar da quantidade de presentes que todas as semanas recebia dos pais e da quantidade de ténis que tinha e de todo o género de coisas que não interessavam a ninguém. Gostava de se

sentar na fila de trás, porque assim ela e a Clarissa podiam fingir que estavam a fazer exercícios, quando na verdade estavam a fazer desenhos das suas estrelas *pop* preferidas e a dizer mal de quem não gostassem. Alguém se podia ter sentado ali, mas a verdade é que ninguém queria ficar ao pé da Clarissa. Era por isso que a cadeira continuava vazia.

Depois de segredar mais alguma coisa à Prof.<sup>a</sup> Khan, a Diretora Sanders saiu da sala. Esperávamos que a Prof.<sup>a</sup> Khan dissesse alguma coisa, mas ela parecia estar a aguardar, por isso também aguardámos. Foram momentos muito sérios e empolgantes. Mas, antes que tivéssemos tempo de adivinhar o que se estava a passar, a Diretora Sanders voltou, e desta vez vinha acompanhada.

Atrás dela vinha um rapaz. Um rapaz que nenhum de nós tinha visto antes. Tinha cabelo curto e escuro, olhos grandes que raramente pestanejavam e uma pele macia e clara.

— Meninos — disse a Prof.<sup>a</sup> Khan, ao mesmo tempo que o rapaz avançava para junto dela. — Este é o Ahmet e, a partir de hoje, fará parte da turma. Acabou de se mudar para Londres e é novo na escola, por isso espero que façam tudo para que se sinta bem-vindo.

Ficámos todos a observar em silêncio enquanto a Diretora Sanders o conduzia para a cadeira vazia. Tive pena dele, porque sabia que ele não gostaria muito de se sentar ao pé da Clarissa. Ela ainda tinha saudades da Dena, e toda a gente sabia que ela detestava rapazes — dizia que eram estúpidos e malcheirosos.

Sermos novos num sítio e termos de estar com desconhecidos deve ser das piores coisas do mundo. Principalmente quando ficam a olhar com cara de poucos amigos, como fez a Clarissa. Foi então que prometi em segredo que faria amizade com o novo rapaz. Naquele dia, tinha por acaso alguns rebuçados de limão na mochila e pensei dar-lhe um no intervalo. E ia pedir à Josie, ao Tom e ao Michael que também fossem amigos dele.

Bem vistas as coisas, era muito melhor ter quatro novos amigos do que não ter amigo nenhum. Sobretudo para um rapaz que parecia tão assustado e triste como aquele que agora se sentava ao fundo da sala.



## O RAPAZ COM OLHOS DE LEÃO

Passei o resto do dia a voltar-me sorrateiramente para trás para olhar para o novo rapaz, e reparei que todos faziam o mesmo.

Na maior parte do tempo, ele deixava-se ficar de cabeça baixa, mas, de vez em quando, dava por ele a retribuir-nos o olhar. Os seus olhos eram da cor mais estranha que já vi: como um mar brilhante, mas num dia meio luminoso, meio nublado. Eram cinzentos e de um azul-prateado, com pintas castanho-douradas. Lembravam-me um programa sobre leões que um dia vi. O operador de câmara fez *zoom* sobre o focinho do leão, de tal forma que os seus olhos ocuparam todo o ecrã. Os olhos do novo rapaz eram como os daquele leão. Davam vontade de ficar a olhar para sempre.

Quando o Tom veio para a nossa turma, no ano passado, também passei bastante tempo a olhar para ele. Mesmo sem querer, não parava de imaginar que ele vinha de uma família de espões americanos, como aqueles que vemos nos filmes. Mais tarde, ele disse-me que

pensou que alguma coisa em mim não estava bem. Era provável que o novo rapaz também pensasse que alguma coisa em mim não estava bem, mas não é fácil parar de olhar para as pessoas novas. Principalmente quando têm olhos como os de um leão.

Naquele dia, tínhamos Geografia no primeiro período, por isso não pudemos levantar-nos para cumprimentar o novo rapaz. Depois, durante o intervalo, procurei-o pelo recreio, mas não o encontrei em parte nenhuma. No segundo período, tivemos Educação Física, mas o novo rapaz não participou: sentou-se a um canto e ficou a olhar para a sua mochila, que era vermelha com uma risca preta e tinha um aspeto muito sujo. Pensei que ele devia ter-se esquecido do equipamento de desporto, porque a mochila parecia vazia e sem forma. Experimentei acenar-lhe, mas ele não olhou uma única vez.

Sempre que temos Educação Física, gosto de fingir que estou a treinar para me juntar ao Tintim numa aventura, e que tenho de me tornar no ser humano mais rápido do planeta. O único problema é que as minhas pernas ainda não são tão compridas como eu desejava que fossem, por isso, por mais que me esforce para saltar o mais alto possível, acabo sempre por ficar a meio do movimento. Sempre que faço anos, peço um desejo que é crescer pelo menos 10 centímetros em altura, e bebo todo o leite que consigo para que os meus ossos estiquem. Mas, apesar de neste momento ter 9 anos e  $\frac{3}{4}$ , cresci apenas 4 centímetros desde o meu último aniversário. Pelo menos, é o que

a Mãe diz. Tentei por tudo saltar diretamente por cima da barra em frente do novo rapaz, mas fiquei a meio uma vez mais. Por sorte, ele não me viu, já que nunca tirou os olhos da sua mochila.

A seguir à aula de Educação Física veio a hora de almoço, e eu, a Josie, o Tom e o Michael decidimos procurar o novo rapaz, para ele não ficar sozinho. Esperámos mesmo em frente das portas do recreio, mas o novo rapaz nunca saiu. O Tom chegou mesmo a procurá-lo na casa de banho dos rapazes, porque foi aí que ele próprio se quis esconder no primeiro dia, quando não conhecia ninguém, mas a casa de banho estava vazia.

— Será que está a almoçar com os mais novos por engano? — disse a Josie.

Mas, quando chegámos à cantina, não o vimos em lugar nenhum.

Da parte da tarde, na aula de História, fomos divididos em grupos, mas o novo rapaz teve autorização para se sentar sozinho e não participar. A Prof.<sup>a</sup> Khan passou mais tempo com ele do que com qualquer um dos grupos, e ia apontando para umas coisas num novo manual escolar que lhe tinha arranjado.

— Será que é surdo? — perguntou alguém baixinho.

— Se calhar não sabe falar inglês — murmurou outro.

— Há de certeza alguma coisa nele que não está bem! — diziam todos em surdina.

Acho que, nessa tarde, nenhum de nós ficou a saber como era ser gladiador na Roma Antiga, de tão ocupados

que estávamos a segredar coisas acerca do novo rapaz. Ele deve ter percebido o que estávamos a fazer, porque corou durante todo o tempo. Depois, no último intervalo, voltou a desaparecer.

— Aposto que deve estar lá dentro — disse o Michael, depois de procurarmos em todo o recreio pela terceira vez consecutiva.

Por aquela altura, os rebuçados de limão que trazia no bolso começavam a ficar pegajosos e mais pareciam bolas de pelo amarelas.

À hora de ir para casa, toda a gente ainda falava sobre o novo rapaz e quem ele seria. Penso que foi porque passou um dia inteiro sem que ninguém soubesse alguma coisa acerca dele além do nome. Nem mesmo a Clarissa, e ela tinha estado sentada ao seu lado! As pessoas não paravam de ir ter com ela para saber se o novo rapaz lhe tinha contado alguma coisa, mas ela limitava-se a abanar a cabeça e dizer que ele estava a usar um manual escolar para mais novos, o que sugeria que não seria muito bom em leitura e escrita.

A caminho da paragem de autocarro, vimos que toda a gente se reunia em volta da Jennie, do lado de lá dos portões da frente. Na escola, a Jennie tinha fama de saber sempre alguma coisa acerca de tudo, por isso corremos até lá para ouvir o que estava a dizer.

A Jennie é da turma do lado e tem o cabelo mais comprido da escola. Gosta de espiar as pessoas para depois contar histórias sobre elas às outras pessoas. Às vezes

essas histórias são verdade, mas, geralmente, só são verdade em parte: o resto é invenção. No ano passado, andou a dizer que a Josie tinha feito batota num jogo de futebol fingindo que caía, para conseguir marcar um penálti. Mas eu estava lá, e o Tom também, e ambos vimos como ela caiu depois de levar um pontapé na perna de um rapaz mais velho chamado Robert. Durante muito tempo, teve na perna uma enorme nódoa negra com a forma da Austrália! Mas, por muito que mostrássemos a todos a nódoa negra e lhes disséssemos o que realmente tinha acontecido, ninguém acreditava em nós. Nem mesmo as pessoas que lá tinham estado.

Às vezes penso que as pessoas gostam de acreditar numa mentira mesmo sabendo que é mentira, porque é mais entusiasmante do que a verdade. E ficam ainda mais contentes se vier publicada no jornal. Agora sei isso. Também sei por que razão a Mãe diz que os políticos são mentirosos e lhes grita sempre que aparecem na televisão. Pode ser que a Jennie venha a ser política quando for grande.

Quando nos aproximámos, ouvimos a Jennie dizer a toda a gente que o novo rapaz tinha passado os intervalos com a Diretora Sanders por ter feito algo de mal na escola antiga e ser demasiado perigoso para conviver connosco no recreio. Eu não acreditei nela, e percebi que o Michael também não, porque lhe perguntou como sabia. A Jennie irritou-se e jurou por tudo que tinha ouvido o Prof. Owen a falar com a Prof.<sup>a</sup> Timms fora da sala dos professores

e que ambos tinham dito terem pena da Prof.<sup>a</sup> Khan e sentirem-se aliviados por o novo rapaz não ter ido parar às suas turmas, porque não ia ser fácil lidar com ele. Antes que tivéssemos tempo de lhe fazer mais perguntas, o pai dela começou a buzinar-lhe do carro, e ela saiu disparada.

Ficámos todos a vê-la ir-se embora, olhando depois através dos portões da escola, para ver se o novo rapaz tinha saído. Mas não o vimos em parte nenhuma.

— Provavelmente, já se foi embora — disse a Josie.

O Tom e o Michael concordaram com um aceno.

— Vamos só esperar dois minutos — disse eu, na esperança de que ele ainda estivesse lá dentro.

Ainda bem que o fiz, porque, ao fim de uns segundos, o novo rapaz saiu para o recreio. Ia de mão dada com a Prof.<sup>a</sup> Khan e olhar fixo no chão. De repente, uma mulher que esperava nos bancos do lado de fora gritou «ÔÔÔ!» e apressou-se a ir para junto deles. Vestia um casaco castanho comprido, um chapéu de lã e um lenço vermelho-vivo. Durante muito tempo, ficou a falar com a Prof.<sup>a</sup> Khan, acenando muitas vezes com a cabeça, mas não conseguimos ouvir nada, porque estávamos demasiado longe.

— Será que é a mãe dele? — disse a Josie.

Eu não tive essa impressão, porque o novo rapaz não a abraçava nem nada, e parecia tímido na sua presença.

— Vamos — disse o Michael apontando para o relógio, que estava a fazer sons de submarino. O Michael tem um relógio especial que o avisa quando um novo autocarro

está quase a chegar. Em princípio, devia ajudá-lo a chegar a tempo aos sítios, mas, tanto quanto vejo, só faz com que vá mais depressa contra as coisas.

— Não, esperem! — disse eu. E, antes que tivesse tempo de pensar muito, corri até junto do rapaz. — Olá! — exclamei, tocando-lhe no ombro.

A Prof.<sup>a</sup> Khan e a senhora do lenço vermelho olharam para baixo e ficaram a ver-me levar as mãos ao bolso para tirar um rebuçado de limão.

— Toma! — disse eu, estendendo-lhe um.

Fiquei com uma certa vergonha, porque o rebuçado estava agora cheio de borbotos. Mas, tenham o aspeto que tiverem, são sempre deliciosos. Acho que devo ter falado muito alto, porque o novo rapaz deu um passo atrás como se estivesse assustado.

— Está tudo bem, Ahmet, podes aceitar — disse a senhora, fazendo-lhe sinal com as mãos como se estivesse a falar em língua gestual.

Mas o novo rapaz agarrou-lhe na mão e escondeu a cara atrás do seu braço. Eu não soube o que fazer, porque nunca tinha assustado uma pessoa a ponto de ela se querer esconder de mim. A senhora voltou a falar-lhe com suavidade e, ao fim de uns segundos, ele pegou no rebuçado e olhou-me de frente com os seus olhos de leão, antes de se esconder de novo.

— Obrigada — disse a senhora. Olhou para mim e sorriu-me. Gostei dos seus olhos castanho-escuros, que pareciam amáveis, e das suas faces rosadas. Mas do que mais

gostei foi a forma como o seu longo cabelo louro e comprido esvoaçava ao vento por debaixo do chapéu. — O Ahmet vai saboreá-lo no caminho para casa.

Acenei com a cabeça e corri para junto da Josie, do Tom e do Michael, que tinham ficado à minha espera. Senti-me muitíssimo feliz, porque a Prof.<sup>a</sup> Khan me tinha sorrido com todo o rosto e ainda me tinha piscado o olho, tal como o Pai costumava fazer quando achava que eu tinha feito alguma coisa bem ou quando estava a provocar a Mãe. Quando for grande, hei de piscar o olho às pessoas como ele e fazê-las sentirem-se especiais. A caminho de casa, decidi que, no dia seguinte, piscaria o olho ao novo rapaz o máximo de vezes que conseguisse, sempre que ele olhasse para mim.



## QUARENTA PISCADÉLAS DE OLHO

No dia seguinte, e nos dois dias que se seguiram, sorri ao novo rapaz e pisquei-lhe simpaticamente o olho o máximo de vezes possível. O meu objetivo era dar-lhe pelo menos quarenta piscadelas de olho por dia, porque, segundo a Mãe, toda a gente precisa disso, mas, ao fim de um tempo, comecei a ficar com uma sensação esquisita nas sobancelhas. Percebi que o novo rapaz estava a achar aquilo interessante, porque tinha deixado de olhar para quem quer que fosse e só olhava para mim. Mas depois o Michael viu-me tentar piscar os dois olhos alternadamente e disse-me que eu estava com ar de quem precisa de ir ao médico. É provável que o tenha dito por eu não conseguir piscar o olho esquerdo tão bem como o direito. Por isso, comecei a piscar o olho menos vezes.

Nessa semana, a Prof.<sup>a</sup> Khan estava a ensinar-nos tudo sobre a fotossíntese e deu a cada um de nós um pequeno vaso com uma semente, para que cuidássemos dela. Estávamos todos muito entusiasmados, porque ela disse que haveria um prémio para quem conseguisse cultivar

a melhor planta. Até o novo rapaz recebeu uma, e deve ter ficado contente, porque não parava de olhar para ela. Experimentei sussurrar à minha todo o tipo de palavras alegres, como «arco-íris», «pipocas» ou «marshmallows», porque li algures que, se falarmos de coisas alegres às nossas plantas, elas crescerão mais depressa. Nunca tinha ganhado um prémio. Nem mesmo na feira popular. Pensei que, se me esforçasse a sério e não deixasse de falar com a minha, talvez conseguisse ganhar daquela vez. E pensei que, se eu não ganhasse, então queria que ganhasse o novo rapaz, que parecia gostar realmente da sua planta.

Mas preocupava-me o Brendan Brooker Maldoso. É o Bully da Turma. Tem sempre as faces rosadas, porque passa a maior parte do tempo a perseguir os que são mais pequenos do que ele pelo recreio. Não é muito inteligente, e tem ódio a quem seja. Se um aluno tiver a melhor nota da turma ou receber um prémio, ele não deixa de ir ter com ele no final das aulas para lhe dar tareia. Vi-o olhar para a planta do Ahmet e ficar com os olhos em fenda, como lhe acontece quando está a pensar na maldade que vai fazer a alguém. Não gostei nada do que vi.

O truque que mais vezes usa é pregar rasteiras. À hora de almoço, também gosta de tocar nos tabuleiros dos outros quando vai a passar, de maneira que a comida lhes fica a escorrer para o peito como ovos mexidos. Já mo fez algumas vezes. Há alturas em que é apanhado, mas, na maioria das vezes, não. E, mesmo quando é apanhado, não fica de castigo.

Apesar de tudo, parece que a maior parte dos professores gosta dele. Talvez seja porque, quando sorri, se parece com aqueles rapazes que vemos na televisão a cantar no coro da igreja. O Prof. Thompson costumava chamar-lhe «endiabrado», o que suponho que seja uma coisa boa, porque, sempre que o dizia, piscava-lhe o olho e dava-lhe uma palmadinha nas costas, deixando-o ir à sua vida. Isso fez com que toda a gente na turma passasse a detestar ainda mais o Brendan Maldoso, tirando o Liam e o Chris, que são os únicos amigos que tem. Até os bullies dos anos acima o acham irritante. É engraçado como os bullies não gostam de outros bullies. Se calhar fazem com que se sintam menos especiais. Mas, na escola, todos sabem quem são os bullies e as vítimas que cada um deles escolhe para si: um bully nunca escolhe a mesma vítima que outro bully. É um sistema estranho, mas são essas as regras, e toda a gente as segue. Até os professores.

Mas a Prof.<sup>a</sup> Khan é diferente.

Ela não parece gostar tanto do Brendan Maldoso como os outros professores. Está sempre de olho nele e, desde que estamos na turma dela, ele tem tido o cuidado de não fazer nada de mal à frente dela. Seja como for, vou continuar a tê-lo debaixo de olho.

Pouco depois de o novo rapaz vir para a nossa turma, começaram a circular no recreio vários boatos acerca dele, como num jogo do telefone estragado.

A maior parte das pessoas acreditou na Jennie e disse que o novo rapaz devia ser perigoso e que era por isso que

nunca podia ir para o recreio. Mas outras pessoas começaram depois a dizer que ele tinha uma doença muito contagiosa e que era essa a razão por que não podíamos falar com ele. O boato da doença assustou a Clarissa de tal forma, que ela tentou sentar-se o mais longe possível dele sem sair da sua cadeira. Uma vez, inclinou-se tanto para o outro lado, que se estatelou no chão! A partir daí, deixou de se inclinar daquela forma, mas sem nunca deixar de fazer uma divisória com os braços ou então com um livro de exercícios.

A mim não me parecia que o novo rapaz tivesse ar de ser minimamente perigoso ou de ter uma doença contagiosa, por isso achei que o boato mais credível era o de que ele pertencia a uma família mesmo rica e que os seus pais o tinham enviado para a nossa escola à paisana, para que ele não fosse raptado. O Michael disse que os raptadores não iriam procurá-lo na nossa escola porque não era numa zona chique, e o Tom concordou. Disse que, quando tinha vindo da América, os seus irmãos mais velhos lhe tinham dito que deviam ter ficado na miséria, porque iam morar na ponta pobre de Londres, e não na ponta rica. Não entendi ao certo o que ele queria dizer com aquilo, porque Londres não tem pontas: nos mapas, mais parece uma mancha de compota.

Eu queria perguntar ao novo rapaz se o boato sobre os raptadores era verdade, ou se precisava que fôssemos os seus guarda-costas, mas ele continuava a fazer todos os exercícios sozinho e desaparecia sempre nas alturas do recreio

ou da pausa de almoço, por isso a única pessoa que podia falar com ele era a Clarissa. E ela não queria! Tentei que os nossos olhares se cruzassem, para lhe sorrir e sussurrar «olá», mas a Prof.<sup>a</sup> Khan apanhou-me e disse para me concentrar no meu trabalho.

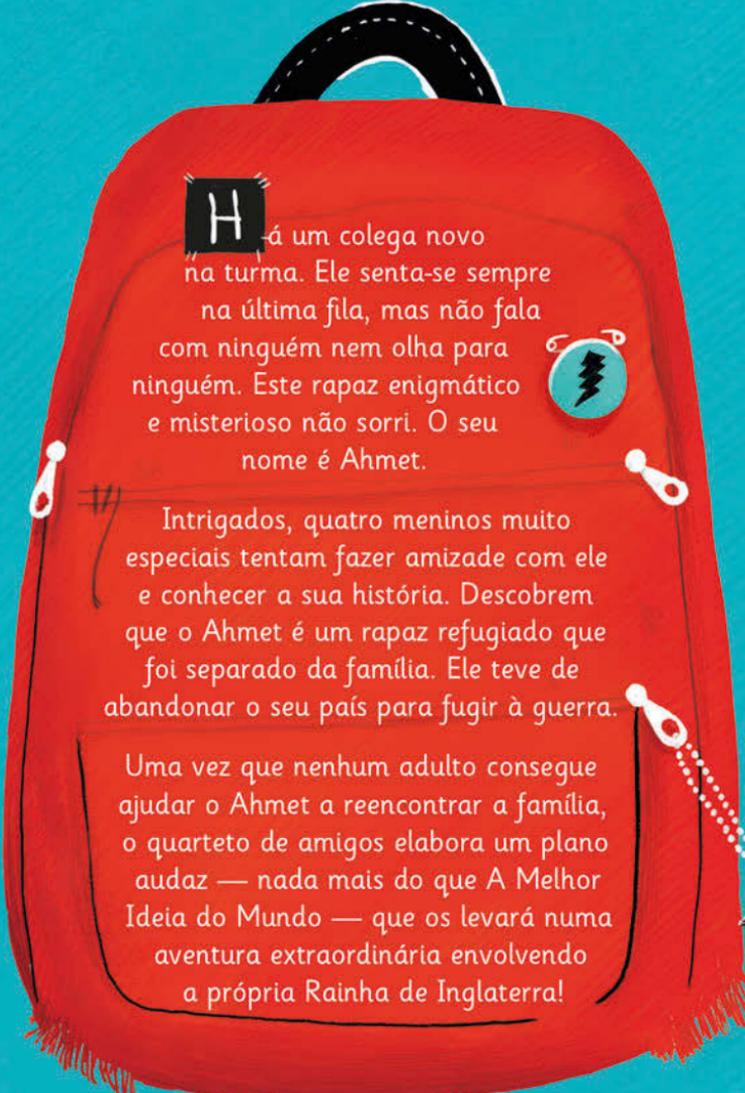
A seguir, tentei enviar-lhe um bilhete na forma de um avião de papel — porque é uma coisa que faço bem —, mas o avião voou de forma estranha e foi parar à cabeça do Nigel. Ele é um queixinhas e fez logo queixa de mim. Detesto queixinhas, porque parece que, para eles, meter os outros em sarilhos é a melhor coisa da vida e porque o fazem sempre com um sorriso. A Prof.<sup>a</sup> Khan chegou lá, tirou o bilhete e leu-o em silêncio. Abanou a cabeça, mas acho que deve ter achado graça ao desenho que fiz, porque esboçou um ligeiro sorriso com a boca, que só eu vi. Apesar de ela não ter ralhado comigo, percebi que seria demasiado arriscado continuar a enviar mensagens por correio aéreo. Principalmente na presença de queixinhas.

No dia seguinte, à hora de almoço, eu, a Josie, o Tom e o Michael decidimos seguir o novo rapaz e descobrir para onde ele ia. Mas a Prof.<sup>a</sup> Khan apanhou-nos a segui-lo nos corredores e disse-nos para não voltarmos a fazer aquilo. Não parecia zangada, mas disse que o novo rapaz precisava de ficar em «Reclusão» durante mais algum tempo, e que era para o bem dele, por isso prometemos não voltar a segui-lo.

— O que quer dizer «Reclusão»? — perguntou a Josie quando voltámos para o recreio.

Nenhum de nós sabia ao certo, nem mesmo o Michael, embora ele tenha dito que parecia que o novo rapaz precisava de ter um tratamento privado, como uma pessoa muito doente no hospital, por isso talvez tivesse mesmo uma doença contagiosa.

Mas não demorámos muito a descobrir o que queria dizer «Reclusão» e por que motivo o novo rapaz precisava tanto disso.



**H**á um colega novo na turma. Ele senta-se sempre na última fila, mas não fala com ninguém nem olha para ninguém. Este rapaz enigmático e misterioso não sorri. O seu nome é Ahmet.

Intrigados, quatro meninos muito especiais tentam fazer amizade com ele e conhecer a sua história. Descobrem que o Ahmet é um rapaz refugiado que foi separado da família. Ele teve de abandonar o seu país para fugir à guerra.

Uma vez que nenhum adulto consegue ajudar o Ahmet a reencontrar a família, o quarteto de amigos elabora um plano audaz — nada mais do que A Melhor Ideia do Mundo — que os levará numa aventura extraordinária envolvendo a própria Rainha de Inglaterra!

Um livro sobre um tema atual, visto pelo olhar de uma criança. Uma história memorável e premiada, que salienta a importância da amizade e da bondade num mundo tantas vezes intolerante e sem sentido.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt

  penguinkidspt

9+

ISBN 9789896685829



9 789896 685829 >